

CXIV

Sinal no céu, novidade na terra

O povo chama *sinais do céu* não só a certos meteoros luminosos, como, também, aos eclipses e aos cometas. Na sua crença, os *sinais do céu* prognosticam, ou acompanham, guerras, pestes, morte de alta personagem, ou outro acontecimento funesto, ou, pelo menos, não calamitoso mas sempre extraordinário.

Desde remotíssimos tempos, os aerólitos teem espalhado o espanto e o terror nos supersticiosos, que viam naqueles meteoros as iras de Deus, prestes a fulminarem os homens com o seu olhar vingador, Em algumas das nossas aldeias ainda tal superstição se não extinguiu.

*

Os antigos consideravam como triste presságio o aparecimento de vários sóis, ou de várias luas (*parélios e parase- lenes*).

Mezeray ⁽¹⁾ conta que depois do assassinio de Artus, duque da Bretanha, por João-sem-Terra, apareceram simultaneamente, cinco luas — uma ao norte, outra ao meio-dia, a terceira ao ocidente, a quarta ao oriente, e a quinta no zénite.

Em 1514, por ocasião da morte da rainha Ana, mulher de Luís XII, de França, surgiu em Suizo um fenómeno dos mais extraordinários, que foi visto em tôda a Sabóia, no Piemonte, na Lombardia e, até, em Loreto: viram-se no céu vários círculos e semi-círculos, num dos quais apareceram três sóis — um mais brilhante e maior, ao meio, e dois mais pequenos, aos dois lados; e, numa espécie de arco, três luas, das quais a do meio era a maior ⁽²⁾.

Segundo Plutarco (*Teseu*, 22) em Atenas, a assembleia do

⁽¹⁾ *Reg. de Phil. Aug.* Apud M. Gilbert-Charles de Gendre, *Traité historique et critique de l'opinion* (Paris, 1741), VII, 390.

⁽²⁾ *Traité historique etc.*, cit. na nota anterior, VII, 390-391.

povo dispersava-se desde que alguém afirmasse ter aparecido um sinal funesto ⁽¹⁾.

Foi pelo receio dos *sinais do céu* que, no ano de 1920, o aparecimento de dois aeroplanos que viajavam de Lisboa a Chaves causou o alarme que o jornal Lisbonense *O Século* noticiou no seu número de 1 de Maio daquele ano, dizendo: «A passagem dos dois aeroplanos sobre Ansião causou ao povo daquela localidade um grande susto. Em Celorico de Basto motivou enorme admiração, e em Vila Caiz (Amarante) deu lugar a grande alegria nalguns habitantes, e verdadeiro pavor noutros, que consideraram o acontecimento como prenúncio do fim do mundo.»

*

Como sinais bem importantes do céu, os eclipses e os cometas incutiram sempre grande pavor no espírito dos povos, e já Santo Eloi (séc. VII) aconselhava num sermão: «Não lanceis grandes brados quando a Lua se escurece, porque não é senão em virtude das leis de Deus que ela se eclipsa em certos tempos determinados.» ⁽²⁾

O concílio de Leptines (743) condenou o temor do eclipse da Lua, em que se gritava — *vince luna* ⁽³⁾.

Foi devido à superstição, que um eclipse da Lua se tornou fatal a Nícias e ao seu exército. Aquele general Ateniense, não podendo tomar Siracusa, decide-se a regressar a Atenas, depois de perdas cruéis. Prepara a frota para o regresso; o mar ainda está livre. Mas sobrevém um eclipse da Lua. Nícias consulta o seu adivinho, que lhe responde ser o presságio contrário, e dever-se esperar três vezes nove horas. Nícias obedece e passa todo o tempo inactivo, oferecendo muitos sacrificios para apaziguar a cólera dos deuses. Durante este tempo, os inimigos fecham-lhe o pôrto, destroem-lhe a frota, e Nícias não tem outro recurso senão o de retirar por terra, mas nem ele nem nenhum dos seus soldados consegue escapar-se aos Siracusanos. Os Atenienses, admirando a coragem pessoal de Nícias e a sua constância admirável, não o censu-

⁽¹⁾ Fustel de Coulanges, *A cidade antiga*, trad. portuguesa de Sousa e Costa, Lisboa, 1911, I, 394.

⁽²⁾ Apud Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 59.

⁽³⁾ Id. *ibidem*, II, 57.

raram por ter seguido os conselhos da religião. Só acharam uma coisa a reprovar-lhe: — ter levado um adivinho ignorante, que se enganara acêrca do presságio do eclipse, pois êsse adivinho devia saber que, para um exército que quere fazer a retirada, é um presságio favorável o esconder a Lua a sua luz ⁽¹⁾.

Duarte Nunes de Leão, na *Primeira parte da Crónica dos Reis de Portugal*, fala de um eclipse sucedido no tempo de D. Sancho I, e « por cujo espanto os homens e mulheres de todo estado, cuidando que era o fim do mundo, deixando suas casas e fazenda, se acolheram às igrejas, querendo nelas acabar. » (Ed. de 1600, Lisboa, p. 61) ⁽²⁾.

Vários jornais noticiaram o pavor que, no nosso país, o eclipse de 1900 incutiu no espirito de muitas pessoas, tendo chegado a haver suicídios, por medo.

Por ocasião do eclipse de 17 de Abril de 1912, o *Século*, de Lisboa, inseriu no número de 18 daquele mês a seguinte informação do seu enviado especial a Ovar: « As classes mais populosas da vila são as dos marítimos e pescadores. E a verdade é que essa gente fanática e quási nada instruída, receia o eclipse como um castigo do céu, de que possa provir um cataclismo. Não há muito que uma mulherzinha disse que a Lua iria cair sôbre a Terra, esmagando-a. Também pela porta aberta de um humilde tugúrio, para as bandas de S. Miguel, duas velhotas foram vistas a rezar, prostradas ante um oratório, para que mal lhes não succedesse. »

O mesmo jornal, no seu número de 18 daquele mês, publicou os seguintes telegramas, de 17: De Ribeira de Pena: « Hoje, a-pesar de serem bastante conhecidas as condições em que se manifestam os eclipses, ainda houve gente daqui que se aterrou e chorou de pavor. » — De Peniche: « O mulhero inculto aterrorizou-se com o eclipse, attribuindo o acontecimento a um castigo do céu. » — De Ponte da Barca: « O eclipse foi quási total... O tempo arrefeceu, e o fenómeno causou pânico em alguns trabalhadores, que fugiram do campo, a gritar: « Morremos todos! Ai de nós e de nossos filhos! »

⁽¹⁾ Plutarco, *Nicias*, 23. Thueydides, VI, VII. Deodoro, XII, XIII. Apud *ob. cit.* na nota 1 da pág. anterior, I, 396, 397.

⁽²⁾ Apud Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, p. 2.

D-O *Século* de 11-Fevereiro-1907 transcrevo também a seguinte informação: «*O eclipse do Sol na Índia*. Benaulim (Índia Portuguesa), 18 de Janeiro. — No dia 14 do corrente, dia do eclipse total do Sol, houve uma imponente festividade indú nas praias de Colvá, com toque de rabanadas e gaitas. Eram pitorescas aquelas romarias, que iam banhar-se e deitar côcos às águas do mar, sem distinção de velhos e crianças, homens e mulheres, calculando-se em mais de seis mil pessoas. Assistiram o seu «suami» e vários «botos».

Por ocasião do eclipse do Sol que se observou na China no ano de 1868, muitas pessoas fugiram embarcadas, e outras lançaram-se a nado, e desapareceram na profundidade das águas. Parece que, na crença dos Chineses, o mar pertencia a um mundo áparte e inatingível aos perniciosos efeitos do conflito celeste, provocado por Vixnú, e aplacado por Buda, que repôs o Sol no seu lugar e assim livrou o nosso planeta de um terrível cataclismo.

No interior da província do Maranhão (Brasil) havia há anos o seguinte preconceito popular, de que tenho apontamento creio que extraído do *Alm. de Lemb.*: Quando se sabia que estava para haver um eclipse da Lua, todos se *acautelavam*, e em suas conversas lembravam uns aos outros *que a Lua ia fazer criz*. Se acontecia o povo não ter prévio conhecimento do eclipse, aquele que primeiramente o observava, lá ia, mesmo alta noite, acordar os vizinhos, para que *tomassem as suas precauções*, e assim se iam todos despertando uns aos outros, porque os que estivessem dormindo durante o eclipse, arriscavam-se a ficar dormindo eternamente, ou a sofrer qualquer outra fatalidade. Tôdas as pessoas saíam para a rua ou para o quintal, gritando às árvores frutíferas: *acorda laranjeira, olha a lua criz; acorda mangueira, segura os frutos e as fôlhas, olha a lua criz* — isto ao mesmo tempo que davam nos troncos das árvores com cordas e cipós, disparando tiros e batendo nos pilões, para que as árvores ficassem *bem acordadas*.

No n.º 37, ano II, do quinzenário *Gil Brás* (Lisboa, 1900) escrevi um artigo intitulado *os eclipses*, em que dizia: «Conta Flammarion, no *Voltaire*, que o eclipse do Sol observado em 19 de Agosto de 1887 fôra naquele país (Rússia) anunciado com antecipação por meio de bandos, afim de evitar desgraças que o medo já produzira em circunstâncias análogas. Acrescenta o sábio astrónomo que a prevenção parecia inve-

rosímil no século actual, e provava a pouca cultura scientifica da maior nação da Europa.»

Não são poucos os acontecimentos funestos que, tendo coincidido com eclipses e aparecimento de cometas, teem corrido para fortalecer a superstição popular.

Segundo S. Marcos, xv, 33, e S. Lucas, xxiii, 44 e 45, quando Jesus Cristo morreu, houve um eclipse do Sol, que durou desde a hora da sexta até à da noa.

Deu-se um eclipse do Sol, em 1415, por ocasião do falecimento da rainha D. Filipa de Lencaestre, mulher de D. João I, de Portugal, caso que o povo considerou também como sinal de luto do céu; e tanto bastou para que alguns membros do conselho tentassem convencer o monarca a desistir da expedição a Ceuta, prestes a partir, alegando diversas razões, entre as quais a de que o eclipse devia ter-se por funesto presságio quanto ao êxito da arriscada empresa que a expedição se propunha realizar. Tal preconceito não ecoou, porém, no ânimo de D. João I, e a expedição partiu e obteve o mais completo triumpho.

Coincidiram com eclipses do Sol o falecimento daquele monarca e, segundo Rui de Pina (apud Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal por uma sociedade de homens de letras*, II, 191) o de D. Duarte, seu filho e successor no trono.

O cardeal D. Henrique faleceu por ocasião de um eclipse da Lua, facto que Fr. Nicolau de Oliveira relata assim, a pág. 55 v.^o do seu *Livro das Grandezas de Lisboa* (Lisboa, 1620): «Morreo em Almeirim o vltimo dia de Ianeiro, que foy o mesmo dia em que naceo, a tempo que a Lua padecia hum grande Eclypse.»

Inter eclipses exorior, foram as palavras gravadas numa medalha de Francisco II, de França, que segundo a observação de um sábio matemático, nasceu num ano em que houve quatro eclipses — como se a Natureza houvesse querido determinar, desde o seu nascimento, que a sua vida seria curta e que apenas subiria ao trono para lá morrer, pois viveu 17 anos e reinou 17 meses.

Encontro esta informação a pág. 488 de um livro intitulado *Les entretiens d'Ariste et d'Eugene*. O exemplar que compulsei não tem frontispício, mas conserva a aprovação, assinada por Fontenelle, em Paris, aos 29 de Julho de 1706, e o privilégio do rei e registo, datados de 19 de Setembro de

1727. Numa nota à margem lê-se no livro a seguinte fonte da informação: «Anno Christi 1544. Eclipses 4. natus Franciscus II. Galliae Rex, de quo dictum *inter Eclipses exorior*. Jacob. Grandamicus, *Chronolog. Christ. part. 3.*»

*

A superstição que admite a influência maléfica dos eclipses, e de outros sinais do céu, foi algumas vezes aproveitada para a obtenção de triunfos militares.

Druso, tribuno do povo romano (122 anos antes de Cristo) prevaleceu-se do terror pânico espalhado entre os sediciosos por um obscurecimento fortuito da Lua.

Alexandre, vendo os seus soldados apavorados por um eclipse da Lua, alguns dias antes da batalha de Arbelle, ocultou-lhes a causa do fenómeno, e fêz-lhes constar pelos adivinhos que, *sendo o Sol o astro dos Gregos, e a Lua o dos Persas, o eclipse anunciava a derrota de Dário*. A tal respeito observa Quinto Cúrsio (*lib. 4*) que nada pode tanto como a superstição, para dominar o povo, e que, uma vez maravilhados os espíritos por uma imagem vã de religião, os adivinhos se farão obedecer melhor que os chefes (¹).

Segundo Justino, *lib. 22*, Agatocles, na sua passagem pela África, não podendo desfazer a impressão causada por um eclipse da Lua no espírito dos seus soldados, tirou partido desta interpretação, que lhes deu: *que, se o eclipse tivesse ocorrido antes do embarque, o presságio teria sido contra elles, mas que, tendo sobrevivendo depois da partida, o presságio ameaçava, incontestavelmente, o inimigo* (²).

(¹) *Ob. cit.* na nota 2 da pág. 238, VII, 392-393. Af se transcreve de Tácito, *Anais*, liv. 1: «Noctem minacem & in scelus erupturam fors lenivit. Nam luna clariore poenè coelo visa languescere. Id miles rationis ignarus omen praesentium accepit, ac suis laboribus defectionem siderio adsimilians, prosperèque cessura quae pergerent, si fulgor & claritudo deae redderetur. Igitur aeris sono, tubarum cornuumque concentu strepere: proiit splendidior obscuriorve, laetari aut moerere. Et postquam ortae nubes offecere visui, creditumque conditam tenebris (ut sunt mobiles ad superstitionem percussae semel mentes) sibi aeternum laborem portendi sua facinora aversari deos lamentantur. Utendum inclinatione eâ Caesar, &c.»

(²) *Ob. cit.* na nota 2 da pág. 238, VII, 393.

Quando no reinado de D. Afonso II, de Portugal, se cercou Alcácer do Sal, para a arrancar do poder dos Moiros, um momento houve em que os sitiante, desanimados, pensaram em abandonar o cerco. Encorajou-os o bispo de Lisboa, D. Mateus, que, orando, implorou o auxilio divino, « ao cabo da qual oraça... (diz Rui de Pina) se diz que pera consolaçam dos xpaãos logo appareceo publicamente no ceo hum marauilhoso sinal per bem auenturado pronostico, s. hum homem resplâdecete como ho sol & aluo como a neue, ... com que hos xpaãos que craramente ho uiram foram muy alegres & esforçados, crendo que deos era em sua ajuda. » (¹)

Ao fenómeno se refere Camões, nos *Lusiad.*, cant. VIII, 23:

Olha o sinal do céu, que lhe apparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece.

*

Os *sinais do céu* nem sempre teem confirmado o terror dos povos, pois dêles foi acompanhado o nascimento de Jesus Cristo. Quando a Virgem reclinou seu Filho no presépio, surgiu no céu uma refulgente luz, da qual tiveram grande temor os pastores que perto guardavam os seus rebanhos. Apareceu-lhes, porém, um Anjo, que os tranqüilizou annunciando-lhes uma grande alegria para todo o povo, e que era o nascimento do Salvador. (Vid. S. Lucas, cap. II).

Foi uma estrêla que guiou os três magos do Oriente até Bethlém, para adorarem o Menino e oferecerem-lhe oiro, incenso e mirra (S. Mateus, II, 2, 7, 9, 10 e 11).

Claudiano tirou um presságio feliz a respeito do imperador Honório, de este haver nascido por ocasião do apparecimento de uma estrêla em pleno dia (²).

*

No cap. XII do *Apocalipse* fala-se de *sinais no céu* que precederam a grande batalha travada nas regiões celestiais

(¹) *Cronica del Rey dom afonso de este nome ho segundo*, cap. VII, fl. 17-18. Apud Dr. José Maria Rodrigues, *Fontes dos Lusíadas*, in *O Instituto*, de Coimbra, vol. 53.º, p. 230.

(²) *Ob. cit.* na nota 2 da pág. 238, VII, 392, onde se cita « De 4. Consul Honor. ».

entre S. Miguel e um grande Dragão (Satanaz), acompanhados dos seus Anjos, tendo sido o Dragão precipitado na Terra com os seus.

Dos presságios tirados dos eclipses, escreveu Pascal: « Dizem os astrólogos que os eclipses pressagiam desgraças, porque as desgraças são ordinárias, e dêste modo acontece que falam muitas vezes verdade. Se dissessem que pressagiavam felicidades, mentiriam quasi sempre » ⁽¹⁾.

*

Muitos povos motivam os eclipses na batalha do astro com um monstro, e isso explica: que os eclipses de 1877 e 1882 fôram recebidos na Turquia com tiros de artilharia e fusilaria contra o Sol, que um dragão maldito queria devorar; que em algumas partes se rufem caixas para espantar o leão que está comendo a Lua; e que os Chineses de Macau façam grande barulho na ocasião dos eclipses.

Nas suas *Trad. pop. de Portugal*, § 8.º, refere Leite de Vasconcelos esta lenda: « A Lua era mais linda do que o Sol. O Sol queria casar com ela, mas a Lua não lhe dava cavaco. Elle então, despeitado, atirou-lhe à face com cinza, e ela a elle com as agulhas da costura. A Lua ficou sem brilho, e o Sol cheio de raios. Ainda nos eclipses é o Sol que batalha com a Lua. »

No século de Luís XIV vendiam-se em Paris amuletos preservativos da influência nociva dos eclipses — isto no século em que a França produziu maior número de sábios e de homens de letras, como foram Pascal, Descartes, Cassini, Corneille, Racine, Molière, Boileau, La Fontaine, La Bruyère, Quinault e tantas outras notabilidades da literatura, das sciências e das artes!

*

O *Alm. Bertrand* de 1917, p. 210, insere uma interessante descrição poética do mais antigo eclipse, precedendo-a das seguintes palavras: « A observação do mais antigo eclipse, conhecido, encontra-se relatada em duas estrofes de oito versos, numa colecção de poemas chineses da mais alta antiguidade, o *She-King*. Os sábios do Celeste Império foram grandes observadores dos fenómenos siderais, e archivaram preciosas informações, colhidas desde periodos anteriores ao cristão, das

⁽¹⁾ Apud *Alm. de Lemb.* de 1863, p. 204.

quais aproveita ainda, imensamente, a sciência moderna. Os eclipses, principalmente os do Sol, foram sempre, para êles, objecto de pavor, como ainda hoje o são para a grande massa supersticiosa; e dos terrores antigos dão conta as estrofes que vamos tornar conhecidas. Eis a tradução textual dêsse interessante documento, feita sôbre o texto francês, publicado, recentemente, no *Boletim da Sociedade Astronômica de França*, o qual, por sua parte, foi vertido da tradução inglesa publicada na revista científica *Knowledge*.

Segue-se a descrição, que é do seguinte teor:

I

Na conjunção (*do Sol e da Lua*) no décimo mês,
No 1.^o dia da Lua, que era Sin-Mau,
Foi elipsado o Sol, —
Fenómeno de mau agoiro. —
Então a Lua tornou-se pequena,
E também se fez pequeno o Sol.
Por isso o mundo ensombrado,
Fica exposto aos peores destinos.



II

O Sol e a Lua anunciam sucessos funestos,
Não se mantendo na regularidade de seus cursos.
Não há govêrno possível
Quando os bons não são empregados.
Que a Lua seja eclipsada
É acontecimento muito vulgar;
Mas que o seja também o Sol,
É motivo para tudo receiar.

Segundo informa o *Alm. Bertrand*, trata-se do eclipse do Sol de 29 de Agôsto do ano 775 antes da era cristã. É a mais antiga data histórica confirmada pelos cálculos astronômicos.

*

Da superstição a respeito dos cometas, vid. o adágio
Noite má, para quem te aparelhas?

JOSÉ MARIA ADRIÃO.